

Medeiros critica engajamento da CUT e CGT

O presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, Luís Antônio Medeiros, abriu fogo ontem contra as duas centrais sindicais brasileiras, CUT e CGT, ironizando a participação de ambas na campanha presidencial. Sobre o seu ar-
quelinimigo Luiz Inácio Lula da Silva, Medeiros afirmou que se o candidato do PT chegar à Presidência este será "o caminho mais curto para a direita retornar ao poder". Para ele, "se o Lula chegar lá, o próximo presidente pode ser o Maluf". Com base nestas conclusões, Medeiros diz que Leonel Brizola "não é bobo" de aceitar um acordo com o PT para o segundo turno, pois não teria "nenhuma chance", na eleição de 94.

O líder sindical esteve em Campo Grande, onde passou o dia organizando a criação de sindicatos nas principais cidades industriais de Mato Grosso do Sul. Medeiros não escondeu que o seu voto será para Fernando Collor de Mello, mas garantiu que não colocará a Confederação que preside a serviço do candidato do PRN: "Acho que as centrais (CUT e CGT) não deveriam ser usadas como cabos eleitorais de ninguém. Deveriam atuar com independência para ter poder de fogo mais na frente, quando negociar os direitos dos trabalhadores". E não poupou nem o seu amigo Antônio Rogério Magri pelo engajamento político. "Ganhando o Lula, os trabalhadores terão um 'pelego vermelho' no governo", referindo-se a Jair Meneghelli, presidente da Central Única dos Trabalhadores. "Se for o Collor, o Magri (presidente da Central Geral dos Trabalhadores) será o pelego verde-amarelo."

Medeiros lembra que apoiando um dos candidatos as centrais sindicais "se tornarão da casa", citando como exemplo o que ocorreu com a CUT chilena no governo Allende, no início da década de 70. "Lá a CUT tornou-se parte orgânica do governo e não teve mais autoridade para criticar, organizar greves ou se impor, provocando a divisão dos trabalhadores." Ele classifica o comprometimento da CUT e da CGT com Lula e Collor como "antidemocrático": "Acho muita pretensão dizer ao trabalhador em quem ele deve votar. É autoritarismo, mesmo. O meu trabalhador está livre para optar e devemos estar unidos porque os candidatos estão prometendo a bonança mas virão tempos difíceis por aí".

A preocupação de Medeiros atualmente é percorrer os Estados das regiões Centro-Oeste e Norte para implantar novos sindicatos, representando 200 mil novos associados. "Quem ganhar terá de conversar conosco. Temos poder de barganha, temos base e força", assegura, já antecipando que no caso de Collor vir a ser eleito não aceitaria nenhum cargo em seu governo: "Não sou doido, querem me queimar?"



O racha no sindicalismo de resultados. Medeiros (à esq.) diz que, se Collor for eleito, "o Magri será o pelego verde-amarelo".